

**COMO SOBREVIVER À GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL? Elementos de diferenciação, desigualdade e concorrência a partir do filme Parasita**

**JOSÉ MATHEUS LIRA DA SILVA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

**DIOGO HENRIQUE HELAL**

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO - FUNDAJ

**SÉRGIO CARVALHO BENÍCIO DE MELLO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

## COMO SOBREVIVER À GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL?

Elementos de diferenciação, desigualdade e concorrência a partir do filme Parasita

### 1. O Caso:

O filme sul coreano de 2019 intitulado Parasita, de gênero *thriller*, drama e comédia, dirigido por Bong Joon-ho e vencedor do Oscar de melhor filme (feito por si só inédito, já que Parasita foi o primeiro filme em língua estrangeira a vencer essa categoria do Oscar), vem sendo aclamado pela crítica e pelo público desde o seu lançamento em função das inúmeras inquietações que ele desperta. Em suma, Parasita trata de questões ligadas ao capitalismo, ao neoliberalismo, à acumulação de riqueza, à construção de identidades subalternas, às relações de poder e dominação, à desigualdade social e à luta de classes.

Sob uma perspectiva biológica, o dicionário de língua portuguesa Michaelis Online define o termo “parasita” como sendo um organismo que vive na posição de hospedeiro em um outro organismo, dele extraindo seu alimento e geralmente lhe ocasionando algum dano<sup>1</sup>.

De fato, essa é a metáfora perfeita para o enredo do filme, que nos apresenta a família Kim, que é composta pelos membros Ki-taek (patriarca, motorista desempregado), Choong-sook (matriarca, dona de casa), Ki-jeong (filha do casal) e Ki-woo (filho do casal), que vive em uma situação de extrema vulnerabilidade social em um porão sujo e insalubre na periferia de Seul, na Coreia do Sul. Com o auxílio da imagem 1, pode-se vislumbrar os Kim em seu lar.

A trama principal se inicia quando um amigo abastado de Ki-woo vai visitar a família Kim que, presenteando-lhes com uma pedra ornamental chamada Gongshi (que supostamente tem poderes místicos que atraem a riqueza), propõe que Ki-woo o substitua como professor de inglês para a filha mais velha de um casal milionário que vive na cidade. O primeiro percalço apresentado, é o fato de que para aceitar o cargo, Ki-woo precisará forjar a sua matrícula na universidade, mas tão logo a super esperta Ki-jeong falsifica o documento para o seu irmão, o plano é posto em prática e gera muita expectativa em toda a família.

Imagem 1 – Família Kim em seu lar subterrâneo



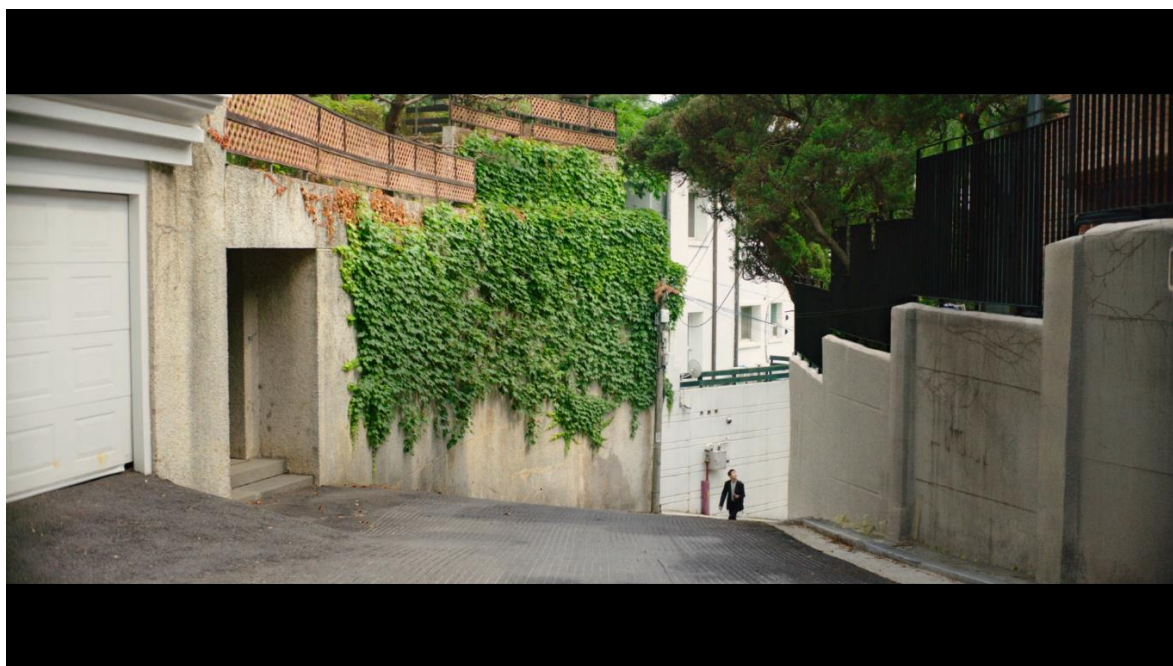
Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

<sup>1</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=QwQNZ>. Acesso em: 27/04/2023.

O contraste entre os modos de vida da família Kim e da família burguesa Park são elementos centrais da obra cinematográfica, que se utiliza de recursos de iluminação, enquadramento e profundidade para deixá-lo ainda mais visceral. Isso é simbolicamente representado pela chegada de Ki-woo na casa da família Park, que possui inúmeros detalhes preciosos como uma ladeira dando acesso à residência luxuosa e diversas escadas no interior da residência que devem ser subidas para que Ki-woo consiga dar aulas para Da-Hye (filha do casal Park).

Esse posicionamento vai totalmente de encontro com o lar da família Kim, que fica em um porão intermediário com pouco espaço para circulação, situado em uma posição híbrida entre o solo e o subsolo, possuindo janelas na altura da rua (onde os bêbados costumam urinar) e, conseqüentemente, pouca iluminação e ventilação (BESSA, 2020). Para além disso, o lar dos Kim está infestado não metaforicamente por parasitas. Não obstante, com fundamento na imagem 2, pode-se observar a “escalada” física e simbólica que Ki-woo faz para chegar à mansão dos Park.

Imagem 2 – Ki-woo na ladeira que dá acesso à mansão dos Park



Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Em contraste direto com a imagem anterior, a imagem 3 apresenta o rebaixamento da família Kim a partir de sua residência.

Imagem 3 – Janela do porão dos Kim praticamente no mesmo nível da rua



Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Ao passo em que Ki-woo se acostuma com o seu trabalho de tutor de inglês e se apaixona pelo modo de vida luxuoso da família Park, juntamente com a sua irmã, Ki-jeong, ele articula um plano para que todos os membros da sua família possam adentrar na mansão e, com isso, usufruïrem da boa vida que os espera. Um por um, a começar pela própria Ki-jeong (contratada como tutora de artes para o filho mais novo do casal Park). Em seguida, o pai deles, Ki-taek, é contratado como motorista após os irmãos armarem contra o antigo funcionário da família e, por fim, é a mãe deles, Chung-sook, que é contratada como governanta da mansão após, também, uma armação contra a antiga funcionária da família (que se diga de passagem, padecia da mesma vulnerabilidade social dos Kim) (MACÊDO JR. *et al.*, 2022).

Portanto, é a partir da inserção de todo o núcleo familiar dos Kim dentro da mansão dos Park por meio de artimanhas e falcatruas que é desvelado o dilema que norteia o presente caso para ensino: *como a sobrevivência é possível sob a égide da governamentalidade neoliberal?* A partir dessa questão/dilema, construir-se-á uma argumentação voltada para três momentos/situações apresentadas no filme (a saber, a simbologia dos jogos de diferenciação, da chuva e da concorrência por sobrevivência) a partir das perspectivas de Michel Foucault, no que diz respeito à governamentalidade neoliberal. O ponto de chegada será a articulação de paralelos com a realidade socioeconômica do Brasil.

## 2. Notas de ensino:

### 2.1. Objetivos de Ensino e Questões para o Debate:

A proposta tem os seguintes objetivos educacionais:

- a) fazer uso da rica simbologia presente no filme Parasita para refletir sobre o conceito de governamentalidade neoliberal;

- b) questionar a construção de seres parasitários/subalternos e da desigualdade como mecanismo de governo dentro do espectro da governamentalidade neoliberal e
- c) criar inquietações sobre como a vida da família Kim é semelhante à de tantos indivíduos brasileiros.

Indicam-se as seguintes questões para reflexão?

1. Quais os efeitos da governamentalidade neoliberal na vida dos Kim? Esses efeitos também são encarados pela família Park?
2. Com base na simbologia do filme, qual é o papel da construção neoliberal de identidades subalternas e da desigualdade?
3. Em que pontos a realidade dos Kim se conecta com a realidade de inúmeros brasileiros que vivem nos grandes centros urbanos?

## 2.2. Fontes e Métodos de Coleta:

"Parasita" (2019), dirigido por Bong Joon-ho, é um drama sul-coreano de 2019, dirigido por Bong Joon-ho e co-escrito por Bong e Han Jin-won. O filme, com duração de 132 minutos, foi produzido pela Barunson E&A e lançado na Coreia do Sul em 30 de maio de 2019. Os personagens principais, a família Kim, são interpretados pelos atores Song Kang-ho, Jang Hye-jin, Choi Woo-shik e Park So-dam. Para a preparação deste caso de estudo, "Parasita" foi assistido em junho de 2023. O filme foi acessado através de uma plataforma de streaming digital. A coleta de dados foi realizada através de análise da narrativa e cenas do filme.

## 2.3. Disciplinas sugeridas para uso do caso:

Este caso de ensino é indicado para ser aplicado junto a estudantes dos cursos de pós-graduação em Administração, Sociologia, Economia e Ciências Políticas, notadamente em disciplinas que busquem refletir os efeitos nefastos da governamentalidade neoliberal na criação de identidades subalternas, no acentuamento da desigualdade social nos grandes centros urbanos e na concorrência por sobrevivência.

## 2.4. Sugestão para uso do caso em sala de aula

Inicialmente, sugere-se que o (a) professor (a) solicite que a turma assista ao filme Parasita previamente ao encontro marcado para a aplicação deste caso. Todavia, o (a) professor (a) deve fornecer aos alunos o dilema e as três questões para o debate de modo, também, antecipado, para que os alunos possam assistir ao filme de forma qualificada, buscando por respostas e produzindo possíveis *insights*. Sugere-se, ainda, que o (a) professor (a) solicite que os alunos preparem um pequeno resumo do filme, narrando alguma cena que tenha chamado a sua atenção.

Em relação à aplicação do caso, tem-se que esta poderá seguir a seguinte estrutura: contando que o professor possua uma aula de 4 horas, tem-se a sugestão de divisão da aplicação em 3 momentos. No primeiro momento, o (a) professor (a) poderá introduzir o presente caso de modo amplo, circundar o dilema (sem dar muitas respostas definitivas), apresentar novamente as questões para o debate e explicar sobre a lente teórica que auxiliará na leitura da situação problema.

Em seguida, sugere-se que o (a) professor (a) passe a palavra para os alunos, para que eles possam trazer à tona as suas perspectivas iniciais em relação ao filme, comentando sobre qual cena lhes chamou atenção e o porquê. Neste momento, é esperado que o (a) professor (a) busque incentivar os alunos a despertarem o seu olhar crítico, dando a sua opinião de modo contundente.

No terceiro e último momento, fica a cargo do (a) professor (a) conduzir a turma à uma reflexão qualificada das questões propostas, trazendo pontos teóricos fundamentais e construindo o fechamento do caso, a partir da reflexão acerca das conexões da realidade enfrentada pela família Kim com a realidade de inúmeras famílias brasileiras.

## 2.5. Guia teórico para uso do caso

Em seus cursos *Segurança, território, população e Nascimento da biopolítica*, proferidos no *Collège de France* no fim da década de 1970, Foucault amplia a compreensão acerca da biopolítica, reinscrevendo-a como a arte de governar ou, mais precisamente, como a governamentalidade. Além disso, dando seguimento ao exame da governamentalidade, o filósofo a aborda sob duas temáticas: o liberalismo e o neoliberalismo (COSTA, 2009).

De modo geral, a governamentalidade é entendida como sendo

[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008a, p.144).

Em resumo, Michel Foucault cunhou o conceito de governamentalidade na posição de uma arte ou prática de governo, que possui por fundamento a capacidade estatal de produzir conhecimento acerca das populações para, em seguida, fazer uso desse conhecimento como mecanismo de governo para gerir a população de modo mais eficiente, produtivo e discreto (FOUCAULT, 2008a; COSTA, 2009; TÓTORA, 2011; AMBRÓZIO, 2012).

Com o avanço do pensamento do filósofo na direção do liberalismo e do neoliberalismo, tem-se que a noção da governamentalidade foi ampliada, uma vez que os governos passam a centralizar sua preocupação cada vez mais na produção e na gestão dos mercados. Sob a perspectiva do filósofo, “o liberalismo não é um discurso que se opõe ao poder; ele é um modo de racionalização do poder, um conjunto de regras que permitem limitá-lo e torná-lo mais eficaz” (FOUCAULT, 2008b, p. 34). Desse modo, o liberalismo não é somente uma teoria política que põe em xeque as questões da liberdade individual e da limitação do Estado, mas também um escopo de práticas, técnicas e dispositivos que tornam possível o exercício do poder de modo mais sutil e eficaz. O liberalismo seria, pois, um modo de governo que se utiliza da liberdade, da propriedade e da concorrência como mecanismos para o exercício de poder ao nível do indivíduo e ao nível da população.

Em relação ao neoliberalismo, tem-se que este se coloca como um liberalismo de tipo intervencionista, que já não se sedimenta no *laissez-faire*, mas sim em uma vigilância e em uma intervenção permanentes. Na visão de Foucault (2008a) e de Lima Filho e Chaves (2021), pode-se encontrar nos textos de teóricos neoliberais a tese de que o governo necessita ser ativo, vigilante e intervencionista. Logo,

[...] o mecanismo dos preços não se obtém por meio de fenômenos de igualização, mas sim por um jogo de diferenciações que é próprio dos mecanismos de concorrência e se estabelece através das oscilações que só cumprem a sua função e seus efeitos



reguladores quando se permita que ajam por meio de diferenças (LIMA FILHO e CHAVES, 2021, p. 52).

Assim, como menciona Foucault (2008b, p. 195-196), “é preciso que haja pessoas que trabalhem e outras que não trabalhem, ou que haja salários altos e salários baixos, é preciso que os preços também subam e desçam, para que as regulações se façam”. Em função disso, a política social no contexto do neoliberalismo, necessita deixar a desigualdade agir e não ir em busca da igualdade na posição de um objetivo. Desse modo, tem-se que a governamentalidade neoliberal é uma arte de governo que faz repercutir, em todas as esferas da vida, a economia de mercado e a lógica empresarial (LIMA FILHO e CHAVES, 2021).

Não obstante, sob a perspectiva de Dardot e Laval (2016, p. 328), “‘Empresa’ é também o nome que se deve dar ao governo de si na era neoliberal”. Para os autores, a governamentalidade neoliberal se caracteriza em função da “administração das coisas”, a partir da qual o governo toma a posição de gestor de recursos e alocador de riscos, ao invés de fornecedor de bens e garantidor de direitos. Logo, o neoliberalismo produz uma governamentalidade que se volta para a criação de um mercado que governa todas as áreas da vida, fato este que leva a uma crise de governabilidade, a partir da qual o Estado perde a capacidade de proteger as suas populações.

Em suma, a governamentalidade neoliberal é um conceito que descreve como as práticas de governo foram adaptadas ao neoliberalismo, promovendo a competição, o individualismo e a extensão do mercado em todos os contextos da vida social e econômica. Essa governamentalidade implica na forma como o Estado, as instituições e os indivíduos se autogovernam e governam aos outros, bem como nos modos a partir dos quais as populações são governadas (DARDOT e LAVAL, 2016; LIMA FILHO e CHAVES, 2021).

## 2.6. Discussão teórica a partir dos objetivos e questões para o debate:

A discussão do presente caso será articulada em função de três momentos: os jogos de diferenciação, a chuva e a concorrência por sobrevivência.

### *Os jogos de diferenciação*

Partindo da perspectiva de Foucault (2008b), percebe-se que é inerente à governamentalidade neoliberal a construção de tabuleiros onde os jogos de diferenciação são perpetuamente jogados. Nesses jogos, os seres humanos são as peças e a demarcação de suas posições ontológicas e sociais é de suma importância para fomentar as práticas de governo neoliberal e, com isso, manter os lucros da elite do poder. É fundamental entender, como Lima Filho e Chaves (2021) também apontam, que a política social sob a égide da governamentalidade neoliberal faz uso da desigualdade social como mola propulsora do próprio regime econômico, não buscando amparar os sujeitos, relegando-os à própria sorte.

Tomando fragmentos de *Parasita* para refletir o contexto dos jogos de diferenciação, pode-se observar, em primeira instância, que o diretor faz um extenso uso de linhas para subdividir as personagens. De certo, como apontam Sússekind, Reis e Pereira (2020), a construção imagética da diferenciação entre os Kim e os Park é fundamentada em elementos que vão desde a arquitetura verticalizada, o posicionamento de janelas, as ladeiras e as escadas com degraus intermináveis e o uso metafórico das linhas.

A partir dessas, pode-se refletir como a governamentalidade neoliberal atua na construção de linhas abissais que são fundamentais para construir realidades distintas e incomensuráveis entre aqueles considerados como humanos e aqueles aquém dessa pretensa

humanidade (SANTOS, 2007). Süssekind, Reis e Pereira (2020), articulam essa interpretação de forma extensa e conectam a construção da desigualdade dos Kim com fundamento na racionalidade ocidental que produz desperdícios e apagamentos. Assim, mesmo sujeitos com tamanha destreza e inteligência como os Kim, vivem em condições desumanas, beirando a animalidade e a inexistência, pois são racionalmente construídos para tal.

Com fundamento na imagem 4, esse contexto se torna nítido.

Imagem 4 – Presença metafórica de linhas dividindo os indivíduos



Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Além disso, é comum perceber no filme que as famílias são apresentadas em níveis diferentes, tanto no posicionamento de suas residências (elemento explanado anteriormente), quanto nos momentos em que interagem em cena. A partir da imagem 5, disposta a seguir, pode-se refletir sobre esse contingente.

Em certo ponto, a família Park está se preparando para acampar e os seus funcionários estão engajados em seus afazeres para tornar essa viagem possível. Numa simbologia escancarada, o plano que a Senhora Park ocupa quando está dando ordens para Choong-sook é sempre superior, mais iluminado e limpo. Isso é uma clara alusão aos jogos de diferenciação dos sujeitos, a partir dos quais a Senhora Park representa os ricos, hierarquicamente e constitutivamente superiores, que gozam de prestígio social. Em contrapartida, Choong-sook representa o lado dos marginalizados, esquecidos e invisibilizados, pois estando sempre em um plano inferior e escuro, acaba por não se destacar em meio ao todo e se esmaece junto aos outros elementos do fundo.



Imagem 5 – Posição hierárquica dos sujeitos



Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Outro elemento importante e que, talvez, passe imperceptível é o cheiro. Em certo ponto da trama, tem-se a construção simbólica da diferenciação dos Kim a partir do cheiro que exalam. Primeiramente, isso é notado pelo filho mais novo dos Park, que aponta que todos os funcionários de sua casa possuem o mesmo cheiro. Isso imediatamente preocupa os Kim, que passam a tomar banho com sabonetes de fragrâncias diferentes por medo de que as suas artimanhas sejam descobertas. A imagem 7, disposta a seguir, apresenta esse contexto.

Imagem 7 – O cheiro

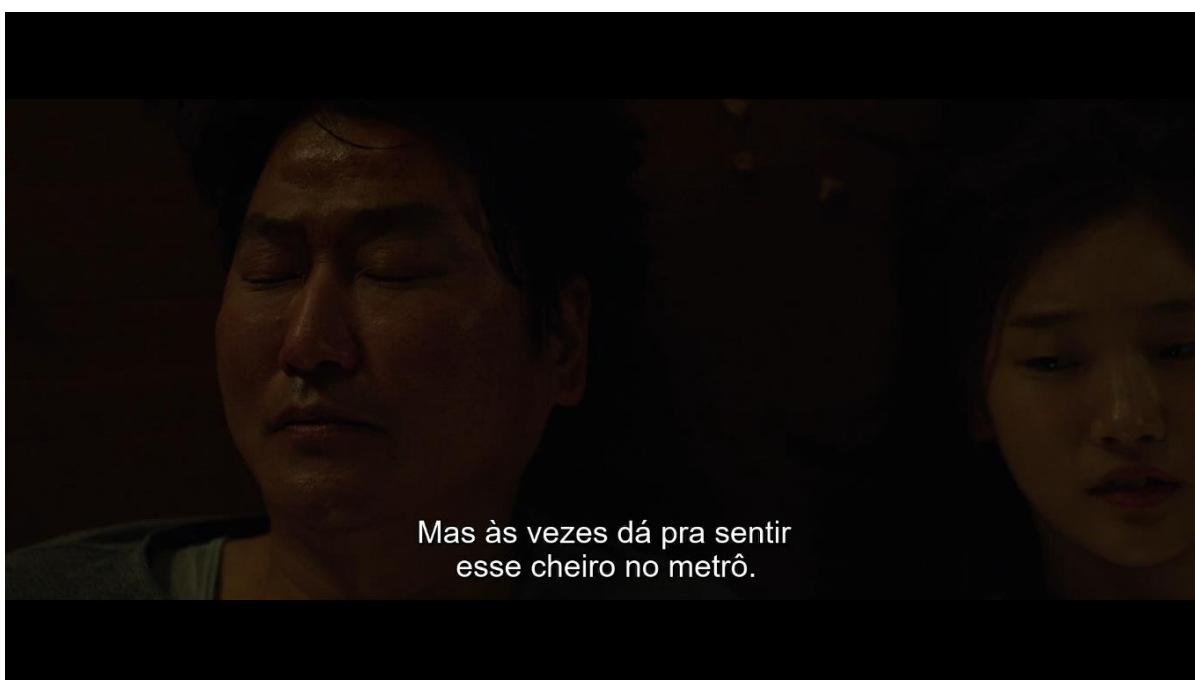


Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

No entanto, a interpretação que o casal Park faz do elemento cheiro é, digamos, curiosa. Muito longe de descobrirem o segredo dos Kim, eles intuitivamente atribuem o fato dos membros da família terem esse cheiro “desagradável” à sua condição social. É como se o cheiro que eles exalam fosse comum a todas as pessoas invisibilizadas pela sociedade.

Em uma cena bastante marcante, o casal comenta sobre como esse *traço* dos seus funcionários é desagradável e impregna o carro e os ambientes da casa, podendo ser sentido também no metrô. Esse contexto que se faz presente na imagem 8, na sequência, vai ao encontro do título da obra cinematográfica, uma vez que os “parasitas, no plural, se instalam, se infiltram, de modo sutil, um a um, misteriosamente, mas não sem cheiro” (SÜSSEKIND, REIS E PEREIRA, 2020, p. 5).

Imagem 8 – Os Kim escutando o casal Park falar do seu cheiro



Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Portanto, retomando a assertiva que aponta que a governamentalidade é um “[...] conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas [...]” que permitem o exercício de uma forma complexa de poder que possui a população por alvo (FOUCAULT, 2008a, p. 144), é crucial compreender que os jogos de diferenciação são elementos fundamentais para as práticas de governo. Esses jogos, permeados de saberes que são desvelados acerca das populações, são empreendidos com o intuito de governar a população de modo mais eficiente, produtivo e discreto.

Por mais insuportável que seja para os Park compartilharem a sua privilegiada vida com seres parasitários e com cheiro incômodo como os Kim, eles não abrem mão da sua presença pois o seu modo de vida não pode ser mantido sem que haja os serviçais. Assim, há uma relação simbiótica entre as classes antagônicas, relação essa que é um dos pilares da própria governamentalidade neoliberal.

### *A chuva*

Outro elemento fundamental que nos é apresentado por *Parasita* é a chuva, pois é mostrado que esse fenômeno natural pode ser aterrorizante para as classes vulneráveis e, ao mesmo tempo, ser uma benção dos céus para os mais abastados (KLEINE e SANTOS, 2021).

Dessa forma, o elemento das chuvas é mostrado como uma diferença social fundamental entre as classes, pois enquanto a família Park está aproveitando do clima agradável no conforto de sua casa, com o seu filho menor acampando no jardim, a família Kim está sendo atingida por uma severa enchente que destrói o pouco que possuíam. Com isso, eles são obrigados a se instalarem em um abrigo provisório e, no dia seguinte, já precisam estar de pé pois os seus patrões vão organizar uma festa de aniversário para o filho caçula.

A imagem 9 mostra os estragos que a chuva fez na residência precária da família Kim.

Imagem 9 – A chuva destruindo o lar dos Kim



Fonte: Reprodução de fragmento do filme *Parasita*, 2019.

Talvez um dos fragmentos mais emblemáticos do filme, a cena representada pela imagem 10, disposta na sequência, faz transbordar a desigualdade social e o sentimento de revolta que é, pouco a pouco, nutrido dentro dos indivíduos invisibilizados pela governamentalidade neoliberal.

Imagem 10 – A bênção da chuva para os Park



Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Ao telefone, a Senhora Park fala que “o céu está azul e sem poluição”, “o ar está tão bom”, “aquela chuva foi uma verdadeira bênção!”, ao passo em que Ki-taek faz uma expressão de raiva e revolta. Isso deixa nítido que o mesmo fenômeno é interpretado de formas diversas em função das diferentes classes sociais (KLEINE e SANTOS, 2021).

À vista disso, é crucial entender como as relações de poder e dominação que subjazem à governamentalidade neoliberal atuam na construção de realidades severamente opostas que, muitas vezes, justapõem-se em um mesmo espaço, como é o caso dos grandes centros urbanos.

#### *A concorrência por sobrevivência*

Trazendo de volta o sentimento de revolta que ecoa na expressão facial de Ki-taek, demonstrado a parti da imagem 10, pode-se extrair uma primeira nuance do que chamamos de “concorrência por sobrevivência”. Como um dos acontecimentos principais que dão início à catarse que constrói os minutos finais de Parasita, observa-se a partir a introdução de um personagem novo e fantasmagórico a crueldade da disputa de indivíduos em igual condição de subalternidade pela sobrevivência.

Em certo momento da trama, a antiga governanta dos Park, Moon-gwang, retorna à residência dos patrões desesperada. Ela se aproveita de um momento em que sabia que os patrões não estariam em casa, para contar com a solidariedade da nova governanta para visitar o seu marido que morava há nos no porão desconhecido da residência. A revelação é chocante, pois o marido de Moon-gwang sobrevive bem embaixo dos Park e estes nem se deram conta disso. A não ser o pequeno filho deles, que possui traumas por ter visto um suposto fantasma na cozinha. Através da imagem 11, pode-se ver o reencontro de Moon-gwang com o seu marido.

Imagem 11 – O fantasma do porão dos Park

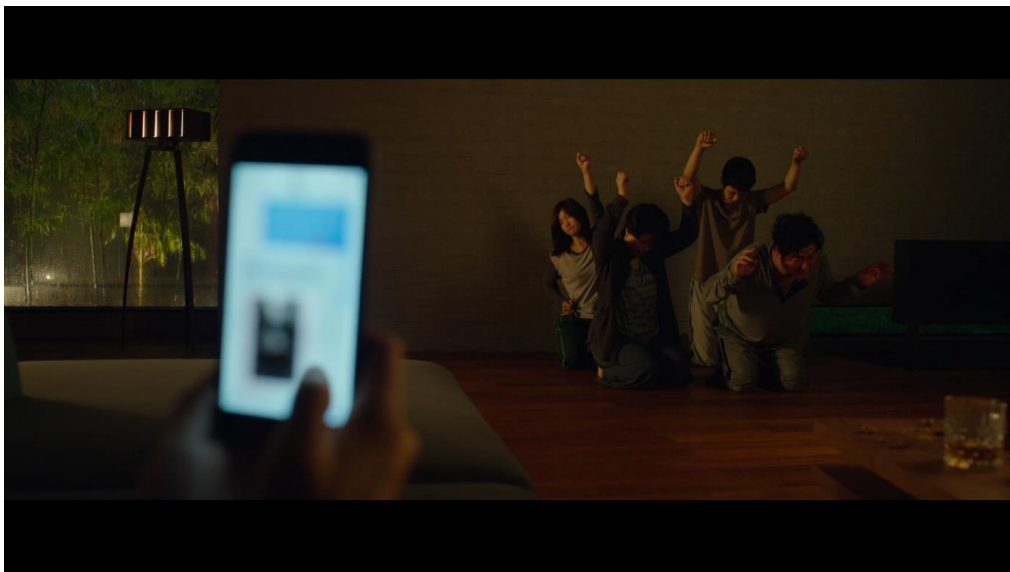


Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Moon-gwang e o seu marido apelam por ajuda à Choong-sook, já que este é imigrante ilegal vindo da Coreia do Norte e não tem direito à assistência do governo, mas as coisas degradingam quando os outros membros da família Kim caem, literalmente, no porão e revelam a verdade das suas falcatuas para o casal. Essa cena é a centelha que dá início a uma sequência sangrenta de violência entre os personagens, é como se estes estivessem destinados a competir entre si, pois o posto privilegiado de parasitas dos Park não podia ser ocupado por todos.

Por intermédio da imagem 12, vê-se Moon-gwang e o seu marido ameaçando os Kim, numa completa reversão dos papéis.

Imagem 12 – Moon-gwang e o seu marido ameaçam os Kim



Fonte: Reprodução de fragmento do filme Parasita, 2019.

Por conseguinte, essa concorrência sangrenta entre os indivíduos subalternos é, também, um dos elementos chave da governamentalidade neoliberal, pois esta incute nos indivíduos a competição, o individualismo e a extensão do mercado em todos os contextos da vida social e



econômica. Entretanto, para além disso, ao passo em que despolitiza a economia, transformando-a em uma esfera autônoma, a governamentalidade neoliberal produz um sujeito individualizado, empreendedor de si e responsável pelos seus próprios êxitos e fracassos (DARDOT e LAVAL, 2016; LIMA FILHO e CHAVES, 2021).

Logo, longe de terem amparo do Estado, incute-se na população subalterna a emergência de competir para sobreviver. Na falta de uma consciência de classe, a competição se dá com o semelhante, também assujeitado pelo governo neoliberal e não contra os pilares que representam a classe dominante.

Em função disso, percebe-se uma relação simbiótica entre a pobreza e a riqueza, sendo o *parasita* “[...] uma situação, uma relação, um estado, uma mutação que vai passando de uma personagem a outra, fazendo da invisibilidade, da desumanidade e da morte do outro uma escolha para a própria sobrevivência” (SÜSSEKIND, REIS E PEREIRA, 2020, p. 5).

Sendo a concorrência por sobrevivência uma necessidade surgida diante da escassez de recursos básicos imposta pelo regime econômico, cria-se um ambiente hostil onde a violência e a morte são utilizadas como recursos de poder. Ante à desigualdade social cruel gerada pela governamentalidade neoliberal, apenas os mais espertos, os mais fortes e os mais destemidos é que poderão sobreviver e parasitar o sistema.

## REFERÊNCIAS

AMBRÓZIO, Aldo. Governamentalidade neoliberal: disciplina, biopolítica e empresariamento da vida. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 4, n. 08, p. 40-60, 2012.

BESSA, Ana Cláudia. Uma análise sociológica do filme “Parasita”. **Revista Café com Sociologia**, v. 9, n. 2, 2020.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. **Educação e realidade**, v. 34, n. 02, p. 171-186, 2009.

DARDOT, Pierre ; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. (Mariana Echalar, Trad.). Boitempo. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Martins Fontes. 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Martins Fontes. 2008b.

KLEINE, Bruna Fernanda; DOS SANTOS, Leonel Luiz. Interfaces reflexivas entre o filme Parasita e o regime de acumulação integral. **Revista Espaço Livre**, v. 16, n. 32, p. 32-41, 2021.

LIMA FILHO, Eduardo Neves; CHAVES, Ernani. Racismo, Racismo de Estado e Neoliberalismo: Michel Foucault e seus críticos. **El banquete de los dioses**, n. 9, 2021.

MACÊDO JÚNIOR, Adriano Menino et al. Elementos da desigualdade social no filme Parasita: uma análise da sociedade brasileira sob a ótica do cinema. **Educationis**, v. 10, n. 1, p. 67-78, 2022.



SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, n. 79. Novembro, 2007.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; REIS, Graça Regina Franco da Silva; PEREIRA, Francisco. Parasita (s), contaminados, invisíveis, abissais. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p. 487-509, 2020.

TÓTORA, Silvana. Foucault: biopolítica e governamentalidade neoliberal. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 37, n. 2, 2011.